

INCLUSÃO ESCOLAR: A VISÃO DOS PROFESSORES E CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL

*Fabiana da Silva Munitor**
*Eliane Caldas da Silva***

Resumo

A inclusão escolar de crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) na rede regular de ensino constituiu um grande desafio para os profissionais que atuam diretamente com os alunos incluídos, considerando a formação dos mesmos e os recursos materiais disponíveis para ser trabalhado em sala de aula. O estudo tem como objetivo abordar as dificuldades cotidianas encontradas pelos professores, como planejamentos diferenciados, desafios para incluir nas atividades pedagógicas os alunos com NEE e as contribuições da Terapia Ocupacional para o desenvolvimento das atividades que objetivem a inclusão escolar. A pesquisa concretizou-se no município de Itaara/RS, foram pesquisados os professores atuantes em todas as escolas municipais. Realizou-se análise de conteúdo a partir do instrumento de pesquisa, os dados foram analisados através de uma análise de conteúdo e estatística descritiva. A partir das respostas identificou-se dificuldades, por parte dos professores, em atender os alunos com NEE e a necessidade de uma rede de apoio com diversos profissionais e um maior enfoque nas capacitações continuadas para assim refletir diretamente na qualidade da inclusão e a busca de novas estratégias para oportunizar a inserção deste aluno nas atividades desenvolvidas na escola.

Palavras-chave: Inclusão (educação); Terapia Ocupacional; Professor.

* Discente de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. fabimunitor@hotmail.com <http://lattes.cnpq.br/1881553366192512>

** Terapeuta Ocupacional, Docente do Curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria/RS. Especialista em Sistema Público de Saúde, Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. elianecaldas@unifra.br <http://lattes.cnpq.br/3020666093876851>

SCHOOL INCLUSION: THE VISION OF TEACHERS AND OCCUPATIONAL THERAPY CONTRIBUTIONS

Abstract

The inclusion of children with Special Educational Needs (SEN) in regular education is a challenge for professionals who work directly with included students, considering their formation and material resources available to be worked at the classroom. The study aims the everyday problems faced by teachers, as special planning, challenges to include students with special needs in educational activities and the contributions of Occupational Therapy for the development of activities that aim the school inclusion. The research occurred in the municipality of Itaara / RS, were surveyed the acting teachers in all municipal schools. Were developed a content analysis based in the research tool, the data were analyzed using a content analysis and descriptive statistics. Based in the answers were identified the teachers difficulties with SEN students and the need for a support network with different professionals and continuous training, as so that will directly reflect in the quality of inclusion and in the search for new strategies to create opportunities for insertion of students in activities at school.

Keywords: Inclusion (mainstream); Occupational therapy; Teacher.

Introdução

No Brasil, atualmente a inclusão escolar é garantida como direito de todos, através da Constituição da República Federativa do Brasil do ano de 1988 e da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. O Plano Nacional de Educação (PNE) e, ainda a Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 02/2001 aplicam-se ao tema abordado neste estudo (MEC, 2005).

A Legislação Brasileira prevê o direito a educação para todos, assegurando as pessoas com deficiência o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na rede regular de ensino, conforme é estabelecido no artigo 208 inciso III da Constituição (BRASIL, 1998; BRASIL, 2010). No entanto, a inclusão advém no momento em que for garantido e efetivado à sociedade o livre acesso à educação, lazer, trabalho e saúde, independentemente de suas limitações, considerando que o ser humano é único, sem nenhuma distinção (AQUINO; BORGES; PEREIRA, 2012).

Ao falarmos em inclusão de crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) em escolas regulares, há certo desconforto por parte dos profissionais que irão receber este aluno, pois este passará a fazer parte de algo comum para todos ocorrendo uma quebra de paradigmas em que o comodismo habitual acaba modificando o cotidiano escolar (ROMERO e SOUZA, 2008).

A temática da inclusão nos remete a questão da diversidade humana, onde cada indivíduo possui sua singularidade, com diferentes aspirações, mas iguais nos direitos e deveres como cidadãos. Neste contexto o processo de inclusão escolar de crianças com NEE na rede regular de ensino se denomina educação inclusiva, onde o objetivo da Terapia Ocupacional é permitir maior experimentação nas atividades propostas na escola, assim proporcionando o desenvolvimento global da criança (IDE; YAMAMOTO; SILVA, 2011).

No entanto, esta pesquisa na área da educação inclusiva, proporciona o encontro dos diferentes saberes, permitindo uma reflexão mais aprofundada a cerca da temática e uma perspectiva de inclusão escolar no município de Itaara/RS, onde foram pesquisadas todas as escolas da Rede Municipal de Ensino, sendo elas: duas de Ensino Fundamental e uma de Ensino Infantil. Os objetivos do estudo são: verificar se há planejamento diferenciado de atividades educacionais específicas para os alunos incluídos; Compreender os desafios para incluir; constatar se os profissionais da educação percebem a necessidade da Terapia Ocupacional nesse contexto; descrever as contribuições da Terapia Ocupacional no contexto escolar. Sendo então, possível (re)pensar na inclusão prática, onde o profissional Terapeuta Ocupacional atua como mediador de ações voltadas ao contexto de cada um e a partir de algumas ações de (re)significação do cotidiano escolar o aluno passa a ser protagonista de seu aprendizado.

Metodologia

O presente trabalho é um estudo de caso, que consiste em uma investigação detalhada de uma ou mais instituições/grupos e suas especificidades, permitindo maior compreensão do contexto e dos processos envolvidos no estudo, além de proporcionar ao pesquisador diversas possibilidades a se explorar a partir dos dados coletados (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

O instrumento de coleta de dados é uma adaptação do questionário validado e utilizado pela Terapeuta Ocupacional Patrícia Della Barba, no estudo: De que inclusão estamos falando? A percepção de educadores sobre a inclusão em seu local de trabalho (DELLA BARBA, 2005). Dessa forma foi realizado um levantamento de dados, este com abordagem direta aos pesquisados, com intuito de descrever as dificuldades e desafios na prática da educação inclusiva, com perguntas objetivas e descritivas, sendo estas de abordagem quantitativa e qualitativa (GIL, 2008).

A abordagem qualitativa é objetivada nas relações sociais, desde uma análise aprofundada de seus sujeitos de pesquisa para uma compreensão mais dinâmica em relação à temática a ser pesquisada. Já a pesquisa de abordagem quantitativa é mais objetiva em relação à abordagem qualitativa, os dados são pesquisados e analisados com maior neutralidade e padronização dos instrumentos, no caso o questionário, utilizados para a coleta de dados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Para responder os objetivos da pesquisa, os dados qualitativos foram analisados através da análise de conteúdo, que busca uma organização contínua e análise da informação durante o período da pesquisa, visando às inter-relações das informações coletadas (TEIXEIRA, 2003). E os dados quantitativos analisados pela estatística descritiva.

O universo da pesquisa foram todas as escolas de Ensino Infantil e Fundamental da Rede Municipal de Ensino, município de Itaara/RS. A coleta de dados foi realizada no mês de março de 2016 em reunião de formação para professores, a entrega e o recebimento dos questionários foram monitorados pela pesquisadora.

O instrumento de coleta de dados foi entregue a todos os professores presentes neste dia, mas não a totalidade, pois alguns não se fizeram presentes à convocação por parte da Secretária Municipal de Educação e outros se retiraram antes do término da formação. O número de participantes (n) da pesquisa apresenta-se de forma reduzida em apenas 23 participantes, por questões éticas 17 questionários não foram incluídos na análise de dados, devido ao não preenchimento do questionário e/ou Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados e Discussão

A educação inclusiva passou por algumas mudanças ao decorrer dos últimos anos, mas destaca-se a participação do país na “Conferência Mundial sobre as Necessidades Especiais. Acesso e Qualidade”, e a partir desta, conhecida como a Declaração de Salamanca de 1994, enfatiza que toda criança tem direito fundamental a educação, ainda descreve e trata de princípios, políticas e práticas a serem alcançadas na área das NEE. Estas especificações se dão em relação ao sistema educacional regular e o aluno incluído, sendo que a escola deve oferecer condições diferenciadas e adequadas à diversidade, envolvendo crianças, jovens e adultos (BRASIL, 1994).

A legislação brasileira, no que diz respeito à educação, esta se adequando para atender as necessidades dos estudantes incluídos. No decreto nº 7611 de 17 de novembro de 2011, uma de suas diretrizes garante “um sistema educacional inclusivo em todos os níveis”, e também a implementação do AEE, este que proporciona um conjunto de recursos pedagógicos e de acessibilidade com a finalidade de complementar o aprendizado em sala de aula, sendo que este modelo de atendimento não é substitutivo e sim caracterizado como atendimento de fomento a aprendizagem, viabilizando assim a inclusão (BRASIL, 2008a).

Inclusão escolar: perspectiva dos professores pesquisados

No contexto da inclusão, a pesquisa aborda a significação deste processo em relação aos alunos com NEE, percebem-se algumas respostas que vem ao encontro positivo da educação inclusiva, como no relato abaixo:

“Inclusão é respeitar, acolher a todos os alunos no sistema de ensino, independente de gênero, cor, classe social, condições físicas e emocionais, dar condições para se sentir incluído, criar condições para que possa socializar-se e desenvolver suas potencialidades” (P3).

Assim definindo o termo inclusão, que indica “uma relação de pertencimento”, onde todos os indivíduos sentem-se pertencentes de algo ou alguma coisa. A inclusão acontece também por uma relação de identificação, onde nós seres humanos pertencemos a alguns grupos sociais, ou seja, nos identificamos, e a partir dessa identificação nos tornamos iguais em meio à diversidade e heterogeneidade, na perspectiva de não haver nada de novo para aprender com o igual, mas a convivência com o diferente se torna muito valiosa (LIMA, 2006).

Nesta perspectiva da inclusão escolar, torna-se necessário uma rede de atenção integrada de diversos profissionais juntamente com a comunidade acadêmica e sociedade, oportunizando a troca de saberes em prol de uma educação inclusiva de qualidade, como se constata na fala abaixo, do pesquisado P10:

“É realmente incluir eles em todos os momentos e situações do cotidiano de uma sala de aula” (P10).

Como citado anteriormente o ato de inclusão passa por uma análise holística, levando em consideração situações diversificadas do cotidiano escolar, desta forma indo ao encontro a esses relatos, foram observadas críticas ao processo adotado para incluir alunos com NEE nas escolas pesquisadas. Os professores foram questionados se sentiam-se preparados para realizar a inclusão e, 91% destes relataram sentirem-se despreparados e apenas 9% respondem de forma positiva ao questionamento. Nesta mesma perspectiva, o posicionamento dos professores em relação à preparação dos demais alunos, estes que não possuem NEE, 57% deles afirmam que os demais alunos também não estão preparados e 43% responderam de forma positiva, ou seja, que seus alunos estão preparados para realizar a inclusão. Observam-se então nas falas a baixo, críticas em relação a este processo de inclusão:

“Inclusão é difícil responder, pois os alunos estão na escola e não tem suporte pedagógico para atender esta clientela. Somente estão de corpo presente” (P7).

“Importante e relevante, porém da forma que acontece não é inclusão é exclusão” (P16).

Levando em consideração os relatos de P7 e P16, percebe-se a necessidade de profissionais de apoio, bem como formação continuada voltada a educação inclusiva, pois 78% dos professores responderam que não possuem formação na área da educação inclusiva e/ou capacitações continuadas para melhor atender a demanda dos alunos com NEE, dos pesquisados apenas 17% realizam ou estão realizando algum tipo de formação e/ou capacitação, seguido de 4% que não responderam ao questionamento. Visto que, os professores não possuem formação na área da educação inclusiva, a utilização de um plano ou adaptações pedagógicas diferenciadas para melhor atender o processo de aprendizado dos alunos com NEE é significativa, pois 57% dos pesquisados afirmaram realizar atividades diferenciadas e 43% não realizam estas atividades.

A formação de professores merece ênfase, pois o trabalho de ensinar e/ou repassar algo não é tarefa simples, sendo ainda de maior complexidade repassar para alunos com NEE, o profissional que atua diretamente, pode desenvolver sentimentos como: insegurança, medo, ansiedade, entre outros. As capacitações são fundamentais para melhor atender os alunos incluídos, mas também para que os educadores possam refletir sobre o que é (re) passado em sala de aula, valores e crenças, assim influenciando a transformação na prática profissional (OLIVEIRA; SILVA; PADILH; BOMFIM, 2012).

A atuação do professor proporciona muitas possibilidades para a (re) significação de práticas pedagógicas, devido à diversidade de mudanças no ensino e aprendizagem de todos os alunos, mas se faz necessário atuar de forma coletiva, a fim de proporcionar alternativas de construir um espaço de maior experimentação e aprendizagem, a partir de diferentes conhecimentos e experiências do coletivo (LEÃO; DOESCHER; DA COSTA, 2005).

A escola tem por finalidade permitir o acesso ao conhecimento, assim faz-se necessário o desenvolvimento de ações pedagógicas que envolvam os professores, estes que possuem contato direto com os alunos, bem como outros profissionais atuantes no contexto escolar. Sendo que no momento em que todos os profissionais atuantes estão engajados no processo de inclusão escolar, torna-se indispensável refletir sobre as práticas desenvolvidas neste contexto, diferenciando então o processo de inclusão e o de exclusão de alunos com NEE (JESUS; EFFGEN, 2012).

Necessidades Educacionais Especiais (NEE)

O termo NEE, inclui não somente alunos com deficiência, mas também engloba alunos sem deficiências de natureza física, mental, intelectual e sensorial, mas que apresentam alguma dificuldade específica de aprendizagem no processo de escolarização. Dessa forma alunos com NEE possuem o AEE, a fim de reforçar e adequar o que é ensinado em sala de aula (AQUINO; BORGES; PEREIRA, 2012).

Segundo os pesquisados, em relação aos casos de inclusão em sua sala de aula, 61% afirmam possuir aluno com NEE e 22% não possuem, 4% não sabem/não responderam e 13% da totalidade dos pesquisados fazem parte da equipe diretiva. Neste contexto, as NEE encontradas em

sala de aula especificadas pelos pesquisados, sendo que estes dados elencados não afirmam diagnósticos, seguem na tabela a seguir:

Tabela 1 - Necessidade Educacional Especial

NEE	Quant.	Porcentagem
Não sei/não respondeu	8	25%
Síndrome de Down	6	19%
Dificuldade motora	6	19%
Déficit de Aprendizagem	5	16%
Deficiência Intelectual	1	3%
Deficiência visual (baixa visão)	1	3%
Hiperatividade	1	3%
Espectro Autista	1	3%
Equipe Diretiva	3	9%
Total	32	100%

A tabela acima enumera as NEE com maior prevalência nas salas de aula, sendo que a maior porcentagem, de 25% dos pesquisados não possuem conhecimento das NEE dos alunos incluídos de sua sala de aula, seguido de Síndrome de Down com 19% e Dificuldade Motora também com 19%. Então, o déficit de aprendizagem com 16% das respostas, seguido de Deficiência Intelectual, Hiperatividade, Deficiência Visual/baixa visão e Transtorno do Espectro Autista são elencados com 3% das respostas.

Com base nos dados coletados na pesquisa, as principais NEE evidenciadas em sala, assim como as dificuldades encontradas nas atividades com alunos incluídos são especificados na tabela a seguir:

Tabela - 2 Dificuldades encontradas

Dificuldade	Quant.	Porcentagem
Cognitiva	12	29%
Coordenação Motora Ampla	10	24%
Coordenação Motora Fina	9	22%
Outras	5	12%
Equipe Diretiva	3	7%
Não sei/Não resp.	2	5%
Total	41	100%

A representação acima evidencia as dificuldades encontradas pelos professores nas atividades com os alunos incluídos, as dificuldades de ordem cognitiva apresentam maior prevalência com 29%, seguido das dificuldades de coordenação motora ampla (24%) e coordenação motora fina (22%), estas características/dificuldades de ordem motora abrangem desde diferenciados tipos de preensão, amplitude de movimento, deambulação, entre outras. Levando em consideração as dificuldades encontradas em sala de aula, tendo em vista que estas influenciam diretamente no cotidiano escolar, e conseqüentemente na aprendizagem.

Com este breve reconhecimento por parte dos professores sobre as NEE apresentadas pelos seus alunos em sala de aula, torna-se importante ressaltar a percepção dos mesmos como está definido o processo de inclusão na sua escola e se acreditam que a inclusão é o melhor para o aluno incluído em sua turma, pois 78% dos professores responderam de forma negativa, julgando não ser a melhor opção para inclusão escolar destes e apenas 22% dos professores afirmaram ser um processo adequado para os alunos com NEE.

Neste processo de incluir o aluno com NEE na escola regular, torna-se importante e necessário a participação da família, pois os estímulos ofertados em casa para a criança/adolescente que esta em processo de inclusão proporciona um conjunto de vantagens em prol da educação de qualidade, favorecendo assim o aprendizado dos mesmos. Os professores pesquisados foram

questionados em relação à participação da família no processo de inclusão, 57% relatam ser indiferente esta participação e 43% afirmam ser positiva.

As famílias dos alunos que estão inseridos no processo de inclusão, segundo os pesquisados, evidenciam os tipos de apoios por parte da escola e/ou pela Secretaria Municipal de Educação, alguns deles citam o Atendimento Educacional Especializado (AEE), como nos relatos abaixo:

“Sim, profissionais da área da saúde, profissionais psicólogo, ed. esp., fono, psicopedagogo” (P3).

“Através do Programa de atendimento Educacional Especializado e encaminhamentos” (P9).

“Sim, para locomoção e AEE (local próprio para atendimento)” (P17).

“Sim, atendimento especial no turno inverso da escola regular” (P23).

O AEE consiste em um atendimento oferecido de forma complementar e/ou suplementar ao ensino regular, tendo como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Sendo que as atividades realizadas no AEE são diferenciadas/adaptadas objetivando a autonomia no aprendizado, facilitando assim o aprendizado, mas os atendimentos do AEE não são substitutivos a escolarização (BRASIL, 2008b).

Da totalidade de 23 pesquisados, 5 destes não responderam o questionamento e dois relataram não saber se há ou não outros tipos de atendimento/apoio para os alunos incluídos de sua sala. Cabe salientar o relato abaixo, referindo-se a família de P2:

“Nem todas admitem o problema” (P2).

Conforme o relato de P2, algumas famílias não aceitam que seus filhos apresentem NEE, então partimos do princípio de que a problemática requer maior entendimento, necessitando então compreender qual o motivo de não “admitir”, sendo o contato da escola e da rede de apoio do município muito importante, pois a proximidade da escola no contexto familiar faz com que haja continuidade do aprendizado.

A família muitas vezes diante do nascimento e/ou durante a fase do desenvolvimento neuropsicomotor, percebe a deficiência, há um sentimento que pode ser denominado como um “luto”, essa frustração muitas vezes vem acompanhada de dificuldades na aceitação, e a culpabilização por parte dos pais/família em relação à condição do filho (GOITEIN; CIA, 2011).

Ainda conforme Goitein e Cia (2011) a participação efetiva da família é importante no desenvolvimento da criança, constituindo um repertório para o aprendizado de valores, principalmente no contexto das relações sociais, sendo a família inicialmente o ambiente social, transmitindo cultura, conhecimento e habilidades para uma sobrevivência em sociedade. Para a criança com NEE, o papel da família deve ser de maneira a potencializar seu aprendizado, pois a criança necessita de estimulação para que haja um maior envolvimento nas atividades cotidianas.

No entanto, os estímulos devem ser ofertados o mais precocemente possível, para assim possibilitar maiores habilidades favorecendo o desenvolvimento neuropsicomotor. Visto que a Terapia Ocupacional no contexto escolar atua a partir da singularidade de cada aluno, sempre buscando maior nível de funcionalidade de maneira a possibilitar a percepção das mesmas, por parte da família e todas as pessoas envolvidas no processo de inclusão, bem como estimular a experimentação de coisas novas, que muitas vezes pode ser considerados desafios, tirando o foco apenas das dificuldades encontradas no cotidiano dos alunos incluídos (PAIVA, 2013).

De tal forma é notada a necessidade da participação de todos os envolvidos no processo de inclusão e a importância de ter conhecimento para alcançar uma inclusão real do incluso, assim o conhecimento do terapeuta ocupacional pode ajudar na construção deste processo.

As contribuições da Terapia Ocupacional

Levando em consideração a atuação do profissional Terapeuta Ocupacional no contexto escolar, os professores foram questionados sobre o conhecimento das funções exercidas pelo profissional na área da educação inclusiva, a maioria dos pesquisados desconhece, com 83% das respostas e apenas 17% afirmam ter conhecimento das contribuições do Terapeuta Ocupacional neste contexto.

A fim de pontuar a opinião dos professores pesquisados de como o Terapeuta Ocupacional pode contribuir no processo de inclusão escolar, algumas respostas vêm ao encontro das intervenções do profissional, como nas falas abaixo:

“Dando palestras expositivas dos vários casos de inclusão. De como proceder, ajudar ao aluno” (P11).

“Com atividades e recursos adaptados e diferenciados” (P17).

“Sim, pois pode criar/adaptar atividades” (P22).

“Acredito que facilitaria no sentido de oferecer material adequado e suporte” (P23).

Para o Terapeuta Ocupacional exercer a atividade profissional na área da educação inclusiva, torna-se importante o (re) conhecimento da estrutura escolar, sendo que a educação inclusiva se constitui em uma percepção e atuação abrangente, perpassando a intervenção habitual, e assim ampliando o olhar para as relações sociais: professores, colegas, escola, família e sociedade em geral, tornando mais compreensiva e eficaz as intervenções, proporcionando maior desempenho nas funções (LOURENÇO; CID, 2010).

O Terapeuta Ocupacional proporciona diferentes estratégias para estimular e trabalhar as potencialidades do aluno incluído, como integração sensorial, organização do cotidiano, sugerir modificações ambientais/estruturais do espaço físico, treino de habilidades motoras e treino das atividades de vida diária. Contudo é importante ressaltar o trabalho conjunto, multiprofissional e/ou interdisciplinar, permitindo maiores trocas de conhecimentos, além de potencializar as orientações aos pais e educadores, assim influenciando diretamente no cotidiano, no desenvolvimento e aprendizagem do aluno incluído (MAZER; DELLA BARBA, 2010).

Outro aspecto que deve ser considerado foi às respostas dos educadores quanto à disponibilidade de materiais adaptados conforme a necessidade de cada aluno incluído, 45% afirmam receber materiais adaptados e capacitações para o uso dos mesmos, em contra partida 50% pontuam não receber esses materiais e 5% dos pesquisados não responderam este questionamento. Sendo que a disponibilidade desses materiais implica no desempenho funcional, ou seja, na autonomia e independência dos alunos incluídos.

A promoção da independência e a autonomia de indivíduos em suas atividades cotidianas, o Terapeuta Ocupacional atua como facilitador das relações sociais e busca soluções ambientais e de apoio que viabilizam o processo de inclusão. Além de atuar na sensibilização e a capacitação de profissionais envolvidos, é importante ressaltar o processo de desmistificação das capacidades e incapacidades em relação à pessoa com deficiência, para isso pode-se contar com os recursos de Tecnologia Assistiva (TA), conhecimentos e habilidades para potencializar a busca da resolução de problemas e limitações (DELLA BARBA; TREVISAN, 2012).

Esses recursos de TA utilizados na ambiência escolar permitem maiores possibilidades de envolvimento nas atividades propostas em sala de aula. Estes recursos e adaptações são produtos de uso pessoal, específico para as necessidades de cada aluno, com intuito de proporcionar maior autonomia e independência na realização das atividades cotidianas, logo facilitando a inclusão e proporcionando maiores habilidades funcionais (OLIVER; VARELA, 2013).

Tendo em vista a desmistificação e potencialização das habilidades dos alunos incluídos, os professores foram questionados sobre os estímulos ofertados, em relação à experimentação do aluno incluso em atividades diferenciadas, como por exemplo, a participação em atividades fora da sala de aula como a Educação Física, o intervalo, em gincanas, entre outras. Os pesquisados, na representação de 57% afirmaram proporcionar esses momentos de experimentação, 39% apenas às vezes e 4% não realizam.

Levando em consideração, o ato de proporcionar essas vivências juntamente com os demais colegas, deve-se ser considerado o espaço físico da instituição, sendo a acessibilidade primordial para melhor desempenho nas atividades. Nesta perspectiva, 70% dos professores responderam sim e 30% relatam que a escola onde trabalham não possui acessibilidade arquitetônica, sendo assim outra barreira para a efetivação da inclusão.

A intervenção terapêutica ocupacional busca realizar ações de empoderamento, essas ações no contexto educacional são objetivadas para as possibilidades do sujeito, com ênfase na autonomia e independência do aluno com NEE (DELLA BARBA, 2008). Considerando, as respostas dos professores pesquisados em relação ao processo de inclusão escolar e a atuação do Terapeuta Ocupacional, se fazem necessárias maiores reflexões afim de (re) pensar em novos olhares sobre a aprendizagem e inserção de alunos com NEE.

Conclusões

Diante das informações coletadas, referente ao processo de inclusão a respeito da percepção dos professores atuantes na rede municipal de ensino de Itaara/RS, as principais dificuldades cotidianas relatadas foram receber e inserir de maneira satisfatória o aluno incluído, a fim de proporcionar maiores possibilidades de aprendizado. A falta de capacitação e/ou formação continuada seria o maior obstáculo a ser superado por esses profissionais.

As três escolas pesquisadas recebem um número elevado de alunos com NEE, contudo, isso não repercute no incentivo à capacitação oferecida aos profissionais, já que a maior parte não se sente preparados para atender a demanda. Essas dificuldades se refletem no trabalho do professor, no aprendizado do aluno e na convivência escolar e social. Assim os desafios para incluir os alunos com NEE nas atividades pedagógicas ultrapassam o âmbito de desenvolvimento de planos pedagógicos diferenciados e param na barreira da falta de capacitação/ formação continuada voltada a esses alunos.

Como consequência do aumento do número de casos de alunos com NEE nas salas de aula regulares, aos poucos está ocorrendo um aumento no número de planejamentos diferenciados em prol desses alunos. O processo de inclusão escolar e a formação em educação inclusiva são medidas recentes, adotadas nos últimos anos, por isso os professores ainda estão se adaptando à nova realidade. Sendo que, a partir disso, se torna possível (re)pensar na inclusão prática, onde o profissional Terapeuta Ocupacional atua como mediador de ações voltadas ao contexto de cada um e a partir de algumas ações de (re)significação do cotidiano escolar o aluno passa a ser protagonista de seu aprendizado a partir de sua subjetividade e singularidade.

No entanto, partimos do princípio de que a diferença de qualquer natureza possa existir, mas o fato de trabalhar sem distinção com esta “diferença” nos permite evoluir. O Terapeuta Ocupacional inserido nesse contexto atua de forma a orientar, auxiliar e capacitar esses profissionais para que consigam, além de identificar as dificuldades individuais de seus alunos incluídos, reconhecer e respeitar o contexto sociocultural em que cada um dos seus alunos está inserido. Logo buscando estratégias juntamente com todos os profissionais envolvidos no processo de inclusão, para que eles sintam-se pertencentes a esta realidade conjunta.

REFERÊNCIAS

AQUINO, O. F.; BORGES, M. C.; PEREIRA, H. O. S. Inclusão versus integração: a problemática das políticas e da formação docente. **Revista Ibero-americana de Educação**, n. 59/3, 2012.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educacionais especiais**. Brasília, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de deficiência (CORDE), 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, 1998**. Brasília: DF, Senado, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008a.

_____. Secretaria de Educação Especial. Inclusão: **R. Educ. esp.**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 1-61, jan./jun. 2008b.

_____. Secretaria de Direitos Humanos. Conselho nacional dos direitos da pessoa portadora de deficiência (CONADE). **Portaria Nº 2.344**. Brasília: DF, 2010.

DELLA BARBA, P. C. S. Consultoria colaborativa e inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais: um relato da contribuição da terapia ocupacional. Congresso Brasileiro de Educação Especial; 3.,2008, São Carlos. **Anais**, 2008.

_____. **De que inclusão estamos falando?** A percepção de educadores sobre a inclusão em seu local de trabalho, 2005. Disponível em <http://www.pedagogobrasil.com.br/educacaoespecial/dequeinclusao.htm> Acesso em: 05 nov. 2015.

DELLA BARBA, P. C. S.; TREVISAN, J. G. Reflexões a cerca do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais. **Cad. Ter. Ocup.** UFSCar, São Carlos, v. 20, n.1, p. 89-94, 2012.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. (org.). **Métodos de pesquisa**. Curso de Graduação Tecnológica-Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOITEIN, P. C.; CIA, F. Interações familiares de crianças com necessidades educacionais especiais: revisão da literatura nacional. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 15, Número 1, Janeiro/Junho de 2011.

IDE, M. G.; YAMAMOTO, B. T.; SILVA, C. C. B.. Identificando possibilidades de atuação da Terapia Ocupacional na Inclusão escolar. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 19, n. 3, 2011.

JESUS, D. M.; EFFGEN, A. P. S. Formação docente e práticas pedagógicas: conexões, possibilidades e tensões. In: MIRANDA, T. G.; FILHO, T. A. G. (Orgs.) **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012

LEÃO, A. M. C.; DOESCHER, A. M.L. DA COSTA, M. P. R. A (desin) formação dos professores para o processo inclusivo. In: VII Congresso Estadual Paulista sobre formação de educadores, 2005. UNESP- Universidade Estadual Paulista. **Anais eletrônicos**. São Paulo: UNESP, 2005. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/352>. Acesso em: 29 mai. 2016.

LIMA, P. A. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo, SP: Avercamp, 2006.

LOURENÇO, G. F.; CID, M. F. B. Possibilidades de ação do Terapeuta Ocupacional na educação infantil: congruência com a proposta da educação inclusiva. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, Mai/Ago 2010, v. 18, n.2, p. 169-179.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: EPU, 1986.

MAZER, E. E.; DELLA BARBA, P. C. S. Identificação de sinais. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 74-82, jan./abr. 2010.

MEC. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. **Inclusão: Revista da Educação Especial**. Brasília: Secretaria de Educação especial, v. 4, nº 1, Jan/Jun, 2005.

OLIVEIRA, E.; SILVA, T.; PADILH, M.; BOMFIM, R. Inclusão social: professores preparados ou não? **Polêmica**, v. 11, n. 2 (2012). Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/3103/2224>. Acesso em: 27 Abr. 2016.

OLIVER, F. C.; VARELA, R. C. B. A utilização de tecnologia Assistiva na vida cotidiana de crianças com deficiência. **Ciência & Saúde Coletiva**, 18(6):1773-1784, 2013.

PAIVA, Z. P. A mediação da Terapia Ocupacional, junto às professoras nos pré-requisitos da linguagem escrita das crianças com Síndrome de Down, na perspectiva da inclusão. 2013. **Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional)**- Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2013.

ROMERO, R. A. S.; SOUZA, S. B. Educação inclusiva: alguns marcos históricos que produziram a educação atual. In: VII Congresso Nacional de Educação- EDUCERE, III Congresso Ibero-Americano sobre violências nas escolas- CIAVE, 2008, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Curitiba: PUCPR, 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/comunicacoes4.html>. Acesso em: 31 mai. 2016.

TEIXEIRA, E. B. **A análise dos dados na pesquisa científica**. Desenvolvimento em questão. Editora Unijuí, ano 1, n. 2, p. 177-201, jul./dez, 2003.

Correspondência

Eliane Caldas da Silva – Centro Universitário Franciscano- Curso de Terapia Ocupacional, Conjunto III. Rua Silva Jardim 1175, CEP 97010-491. Santa Maria, Rio grande do Sul. Brasil. E-mail: elianecaldas@unifra.br